# O ato analítico, a tarefa analisante e o "fazer analítico"

Bernard Nominé

*Cabe, portanto, afirmar que o psicanalista, na psicanálise, não é sujeito, e que, por situar seu ato pela topologia ideal do objeto* a, *deduz-se que é, ao não pensar, que ele opera. Um "eu não penso" correto, com efeito, deixa o psicanalista suspenso na ansiedade de saber onde lhe dar lugar, para pensar a psicanálise, apesar disso, e sem ficar fadado a falhar para com ela.*

Jacques Lacan[1]

[1] Lacan. O ato psicanalítico (1967, p. 373).

Para tentar iluminar com minha lanterna essa citação bastante densa, extraída do seminário *O ato psicanalítico*, retorno tanto a esse seminário quanto a outro de Lacan, *A lógica da fantasia*. Proponho-me, pois, retomar o conceito lacaniano de ato dos anos 1966, 1967 e 1968.

O ato supõe que seu autor tenha sido mudado por ele, que depois dele não seja mais como antes. Lacan se serve do exemplo de César atravessando o Rubicão. Esse ato é decisivo na história de César, mas também na história romana. O ato pode ser marcado depois na história e é sempre situado como um começo, uma mutação ou uma revolução. "O ato em si está sempre em relação com um começo"[2], afirma Lacan no seminário *O ato psicanalítico*, evocando em seguida o que foi Pasteur na aventura médica, e aconselhando mesmo os psicanalistas a se debruçarem sobre essa história. É certo que Pasteur é o protótipo do pesquisador, um sujeito que não pensa, mas que avança por uma sucessão de passos laterais, mas orientados por um fio lógico. Ele começa pela cristalografia e percebe, por acaso, que a fermentação de um produto biológico modifica sua forma de refratar a luz. Interessa-se, então, pelo princípio da fermentação e descobre o trabalho das leveduras. Depois, é a descoberta dos microorganismos que revoluciona a teoria da geração espontânea, e em seguida o estudo das doenças

[2] Lacan. *O Seminário, livro 15: O ato psicanalítico* (1967-1968) (Inédito, aula de 6 de dezembro de 1967).

contagiosas nos animais e, enfim, a seroterapia e a vacinação contra a raiva. Todos esses avanços se devem a encontros imprevisíveis, nos quais era necessário que o sujeito Pasteur estivesse lá para o encontro e que ele não se encontrasse ocupado demais pela soma de seus preconceitos.

O ato em si está sempre em relação com um começo, mas aquele que o efetua, seu autor, não é o mais bem situado para se dar conta dele, já que ele executou esse ato sob a condição de não pensar sobre ele.

No que concerne à psicanálise, "começar uma psicanálise, é um ato, sim ou não?", pergunta Lacan[3]. Trata-se de um ato, seguramente. Mas quem faz esse ato? O psicanalista. E se é o ato de colocar o inconsciente, será necessário, para o psicanalista, recolocá-lo a cada vez? Lacan responde que não, no sentido de que o ato que está no começo não é o ato que inaugura uma psicanálise, mas aquele que está "nesse momento de começar, em que alguém se torna psicanalista. Começar a ser psicanalista, todo o mundo sabe que isso começa no fim de uma psicanálise. Chega-se no fim uma vez e é lá que é necessário deduzir a relação que isso tem com o começo de todas as vezes"[4].

O conceito de ato, portanto, é reservado, no ensino de Lacan, ao que se passa no fim de uma análise, produz o psicanalista a partir do psicanalisante e que deve ser diferenciado da tarefa analisante. Ele deve se distinguir igualmente do "fazer analítico", que seria uma espécie de modelo ideal a que o psicanalista seria tentado a se agarrar para orientar sua prática. O "fazer analítico", evidentemente, não goza dos favores de Lacan.

No sentido de Lacan, o ato analítico não se refere ao feito do sujeito que faz o psicanalista, fundando-se na função lógica do objeto *a* à qual o analista dá consistência. Daí a fórmula: "é ao não pensar que o psicanalista opera"[5].

Isso nos leva ao cogito, à maneira de Lacan. "Ou eu não penso, ou eu não sou". Trata-se seguramente de um cogito cartesiano invertido, mas nele falta seu *ergo*. No "cogito" lacaniano, há uma elisão do *portanto*, há uma disjunção radical; há *ou... ou*.

Lacan tenta situar seu *não cogito* pelo esquematismo inspirado no grupo de Klein em seu *Seminário: a lógica da fantasia*. O grupo de Klein quer dizer uma rede de operações que podem se combinar umas às outras e que, ao se repetirem, podem chegar a um produto idêntico ao ponto de partida.

Vejamos a operação proposta pelo grupo de Klein[6]; a operação a a partir de $a \rightarrow -a$.

O princípio da operação involutiva reza que essa operação repetida leve de volta ao ponto de partida. Seja a operação

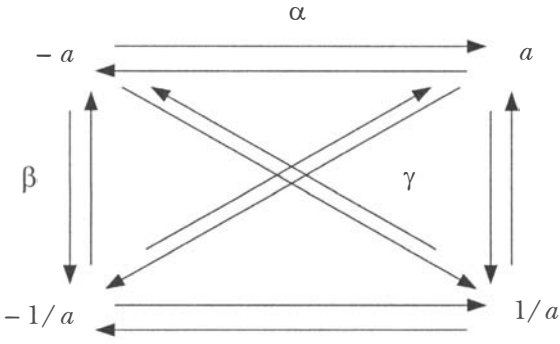
[3] *Ibid*, aula de 10 janeiro de 1968.

[4] *Ibid*, aula de 6 de dezembro de 1967.

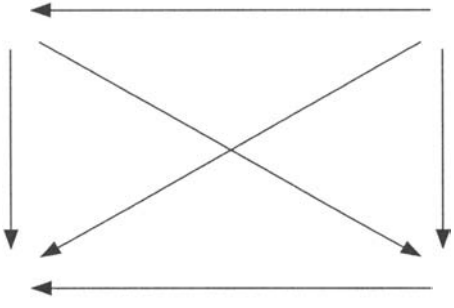
[5] *Ibid*.

[6] O grupo de Klein se caracteriza pelo efeito de uma ou mais operações sobre um conjunto com a condição de que a reprodução dessas operações as anule. É isto que se nomeia a propriedade involutiva de uma operação sobre o conjunto. Tomemos como exemplo três operações designadas alfa, beta e gama. A operação alfa é uma multiplicação pelo -1: $a \cdot -1 = -a$. Para a operação beta, trata-se de multiplicar $1/a$, ou seja, $a \cdot 1/a$. A operação gama é uma conjugação das duas precedentes. Observa-se que essas operações são involutivas; a operação alfa aplicada à $-a$ tem como resultado $a$; a operação beta aplicada a $1/a$ é também igual a $-a$. Ocorre o mesmo com gama. São operações que figuram em nosso esquema, observando-se que todos esses vetores permitem retornar ao ponto de partida acima e à direita.

b definida a partir de $a \rightarrow 1/a$. Pode-se isolar uma operação $\gamma$ que reúna as duas operações. Ao aplicar a operação $\gamma$, isto é, $\alpha+\beta$, obtém-se $-1/a$. Então, verifica-se também que, ao repetir essa operação a partir de $-1/a$, voltamos ao ponto de partida, isto é, $a$.




Porém Lacan, como de hábito, torce a ferramenta matemática de que se serve e, aqui, põe de lado a reversibilidade de cada operação nomeada involução. Enquanto o grupo de Klein descreve um circuito que roda perfeitamente em círculo, os vetores do esquema de Lacan param em um ponto de convergência.



A torção feita por Lacan desse esquema lhe permite ilustrar a alienação/separação. A alienação é, para ele, o resultado de uma escolha forçada, aqui, a partir da disjunção *ou eu não penso, ou eu não sou*, que é a conseqüência da emergência do sujeito do inconsciente freudiano; a escolha forçada é aquela do *eu não penso... para ser*. Isso dá certa consistência a esse falso ser: *somos mais sólidos em nosso ser quando não pensamos, qualquer um sabe disso.*[7]

[7] *Ibid*, aula de 10 janeiro de 1968.

A segunda operação é a que culmina com a escolha excluída do *eu não sou*, eu não sou ali para pensar, e que Lacan chama de *a operação verdade*; ela conduz a um pensamento sem sujeito ou, dito de outra maneira, um saber sem sujeito, que é o princípio da descoberta freudiana.

A terceira operação, enfim, é a operação transferência.

Lacan utiliza esse esquematismo de diversas formas nos anos 1966 a 1968. Isso visivelmente o ajuda a pensar a psicanálise, mas de maneira bem particular; é uma forma de fazer entrar o real dessa experiência em um sistema de operações simbólicas e, portanto, de livrá-la ao máximo de todas as miragens imaginárias. Poderíamos comparar isso com os tormentos que tomam conta de certa analista quando ela se questiona acerca da validade de sua interpretação. Faço referência aqui ao famoso *caso de perversão transitória*, descrito por Ruth Lebovici e comentado por Lacan em seu *Seminário: A relação de objeto*, resumido por ele em *A direção do tratamento*. A crítica de Lacan recai sobre o fato que essa colega pensou, um pouco rapidamente, ter sido tomada na relação com seu analisante como a mãe fálica. Toda a exposição do caso é feita para verificar essa tese. Vê-se que se a exposição de um caso serve para verificar uma teoria, ela a verifica, no sentido de que a torna verdadeira, mas ao preço de deixar passar o real da experiência em jogo. O que Ruth Lebovici deixa escapar é a lógica que reina nessa história, por estar muito ocupada em pensar o que ela é para seu paciente, a imaginar o que ele lhe supõe. Evidentemente, para nós, hoje, que não participamos dessa relação e pudemos nos beneficiar do comentário de Lacan, a coisa é mais fácil.

Esse rapaz sofre de uma fobia particular: é fóbico de sua própria imagem, tendo essa fobia surgido quando a imagem narcísica que vestia seu ser se mostrou insuficiente para sustentá-lo, ou seja, precisamente no momento em que lhe era pedido entrar em uma fila, de se contar um entre outros, de uniforme, em um navio escola. Tudo nessa história o predestina à fobia: ele é o filho único de sua mãe, dorme com ela até a idade de 13 anos e, durante esse tempo, o pai, mobilizado pela guerra, está particularmente ausente.

Em seu comentário, Lacan sublinha que é um sonho, o sonho *do homem na armadura* que fez a analista se perder, e é por isso que fui olhar mais de perto. O texto exato do sonho é este: "um homem em armadura está atrás dele, ele está armado com uma espécie de máscara de gás, como um tubo de flytox, com o qual ele poderia asfixiá-lo". A analista se concentra no detalhe topográfico que situa o perigo atrás do sonhador, e

então pensa: "Eu estou detrás dele, portanto sou eu que lhe provoco medo". E, para justificar esse medo, privilegia o tubo de fly-tox entre o material oferecido pelo sonhador, porque esse tubo figuraria, com certeza, o falo que a tornaria a mãe fálica terrificante.

Por pensar demais, ela não escuta, não ouve o paradoxo que esse sonho expõe: o paciente está aterrorizado por um homem revestido de uma armadura e que traz uma máscara de gás, quer dizer, que as armas que seriam susceptíveis de apavorá-lo são apenas meios de defesa. Quanto ao tubo de fly-tox, Lacan nos faz ver que ele é feito para nos livrarmos dos insetos, dos pequenos objetos fóbicos. O detalhe da máscara de gás é deixado de lado, ao passo que a seqüência da observação e, notadamente, o *acting-out* mostram o lugar privilegiado do cheiro e do olhar na economia pulsional desse sujeito. A armadura e a máscara de gás estão ali como significantes "fobógenos", que anunciam que o verdadeiro perigo se encontra mais além: pode ser que a armadura e a máscara de gás não estejam lá que para mascarar a ausência do Outro. É esse o sentido da referência que Lacan assinala em *Introdução ao diálogo sobre o pouco de realidade*, de André Breton. "Que essa novata bem dotada pudesse ter se lembrado do diálogo das armaduras no discurso sobre o pouco de realidade de André Breton. Isso a teria posto no caminho"[8].

[8] Lacan. Direction de la cure et les principes de son pouvoir (1963, p. 611).

Esse texto de Breton é um texto estranho que pode ser resumido em poucas linhas tiradas de "O colóquio das armaduras":

> Estou em um vestíbulo do castelo, minha lanterna incerta na mão e clareio uma a uma as reluzentes armaduras. Uma dessas armaduras parece quase do meu tamanho, poderia eu vesti-la e reencontrar nela um pouco da consciência de um homem do século XIV... mais tarde, quem sabe, nesse mesmo vestíbulo, alguém, sem pensar nisso, endossará a minha. De soclo[9] em soclo, o grande colóquio mudo continuará.[10]

[9] N. do T. Do francês, *socle*, designa a base quadrangular de um pedestal.

[10] Breton. *Introduction au discours sur le peu de realité* (1972).

É certo que o clima estranho desse texto ressoa bastante bem a fobia desse paciente que assinala o divórcio entre o ser e a imagem, em decorrência da fraqueza da armadura simbólica. Ao acentuar o papel da mãe fálica, a analista não arruma as coisas, e o analisante se precipita a um lugar adequado para verificar a castração feminina, ao mesmo tempo em que se protege da sua.

O *acting-out* é um dos conceitos que Lacan introduz em seu quadrado lógico, abaixo, à direita, no lugar do impensável *eu não sou*. É claro que não é como sujeito que o paciente passa

ao ato, mas como marionete manipulada por uma lógica que lhe escapa, do mesmo modo que escapou à sua analista. Ele é, nesse *acting-out*, puro olhar, inversamente ao que seu sonho apresentava, pois agora é seu próprio olhar que está atrás da máscara de gás, e é seu gozo que ocupa a parte da frente da cena, mas isso não o divide, e esse é o problema.

Isso não o divide porque ele chega diretamente a esse lugar do *eu não sou*, sem ter passado pelo desfiladeiro da tarefa analisante, que, a partir da escolha aceita do *eu não penso*, da regra fundamental, progressivamente descobre a existência desse saber sem sujeito que é o inconsciente. Tal passagem mandatória só é possível pela transferência, isto é, pela presença do analista que se caracteriza pela posição do *eu não penso*. Isso é o que se chama *suportar a transferência*: se o analista suporta a transferência, em todos os sentidos do termo, se ele se faz de suporte e se pode suportar não pensar. Se ele pensa, e disso temos testemunhos em profusão de nossos colegas da IPA, é sempre no sentido da contratransferência, isto é, de um obstáculo ao trabalho analisante.

É aqui que reencontramos a necessidade do que Lacan situa como o ato analítico. Dito de outro modo, o fato, para o analista, de tomar o inconsciente, a partir da necessidade do *eu não penso*, como regra fundamental. É a partir desse ato de fé, colocado pelo analista sobre as virtudes do *eu não penso*, que o analisante vai, por sua vez, situar-se aí e se engajar na tarefa analisante, até atingir esse saber sem sujeito que constitui o inconsciente. Isso, porém, só é possível se a transferência vir a recobrir essa falta de sujeito por um falso sujeito que Lacan chamou *sujeito suposto saber*. É preciso entender que a suposição recai sobre o sujeito: é o sujeito, e não o saber, que é suposto. O saber sempre está pronto a se fazer escutar por aquele que escolhe a boa freqüência para escutá-lo.

O que o fim de uma análise revela é a verdade da transferência, a saber, que a suposição de um sujeito que saberia veio mascarar o lugar da verdade em ação no tratamento e que se desembaraça no fim, a saber: a verdade do objeto *a*. É assim que Lacan designa o ponto de convergência de sua rede.

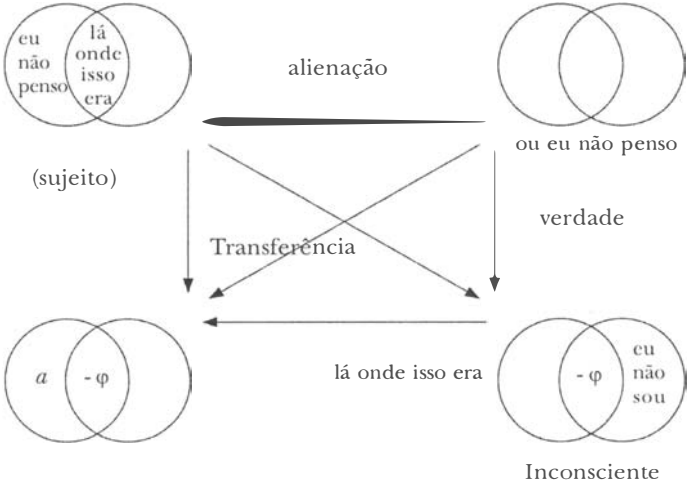
> O fim de uma psicanálise supõe uma certa realização da operação verdade. É um percurso que parte do sujeito instalado em seu falso ser e que o leva ao ponto no qual ele pode realizar alguma coisa de um pensamento que comporte o 'eu não sou'. Isso não acontece sem que ele reencontre, sob uma forma cruzada e invertida,

> seu lugar de mais verdadeiro, seu lugar sob a forma do 'ali onde isso estava', que se encontra nesse objeto *a*, essa falta que subsiste no nível do sujeito do conhecimento, desse falso ser do sujeito, essa falta que, no fim de uma análise, se traduz dessa coisa encarnada que se chama a castração".[11]

[11] Lacan. *O Seminário: O ato psicanalítico* (Inédito, aula de 10 de janeiro de 1968).

Lacan, então, situa a castração no canto do retângulo que é o ponto de convergência, o ponto que impede que o grupo de Klein rode em círculos. Esse ponto de convergência é, portanto, um ponto de limite. Mas isso também poderia ser considerado como ponto de partida de um segundo esquema em retângulo, que completaria o grupo de Klein, e talvez seja uma indicação do que Lacan esperava do passe, um momento de báscula decorrente do ponto de impasse estrutural no fim da análise.

Retornemos ao primeiro esquema. Parece-me que Lacan, com a operação figurada pela flecha que desce verticalmente em direção ao canto inferior esquerdo, descreve esse movimento que ele chama em outro lugar de *o engano do sujeito suposto saber*.




É um movimento que vai em direção à verdade e conduz do sujeito suposto saber à verdade do objeto *a*. Como diz, "seria necessário perceber-se que o sujeito suposto saber é reduzido, no fim da análise, ao mesmo 'não ser aí' que é o que é característico do inconsciente, ele mesmo, e que essa descoberta faz parte da mesma operação verdade"[12].

[12] *Ibid.*

Concluindo, gostaria de retomar a hipótese que deixei no caminho sobre esse movimento de báscula que Lacan tenta pensar logicamente, esse momento de báscula que é o ato que

instala o psicanalista no lugar do qual ele deve suportar a transferência, pois, se seguimos Lacan, consideramos o ato psicanalítico "consistindo em suportar a transferência"[13].

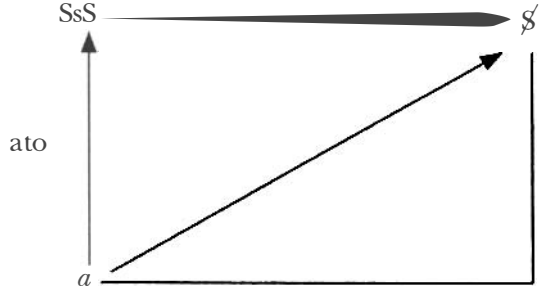
[13] *Ibid.*, aula de 17 de janeiro de 1968.

Lacan tenta esboçar o famoso passo que conduz o psicanalisante, no fim de uma análise, à posição do psicanalista. "Não se trata aqui de justificar a possibilidade dessa junção. Trata-se de colocá-la como articulada e de pô-la à prova de nosso esquema tetraédrico"[14]. Não se trata, portanto, de um *continuum*, e é por isso que se tem o direito de utilizar o que chamarei de retângulo gêmeo, constituído pela metade das operações do grupo de Klein que se deixou de lado. Não parece que Lacan tenha feito isso, se nos referimos aos esquemas dos quais dispomos; ele usa sempre o mesmo retângulo e, no entanto, eu acho que, com toda a lógica, Lacan deveria ter usado esse outro retângulo como recurso. Por alguns momentos, ele o faz, mas é um pouco confuso. Será que Lacan cometeu um erro ou é a transcrição dos esquemas que está falha? Difícil de responder, mas, em todo o caso, isso não nos deveria impedir de seguir a reflexão de Lacan.

[14] *Ibid.*

> É o sujeito que cumpriu a tarefa, ao final da qual ele se realizou como sujeito na castração, é ele que devemos ver por uma rotação, ou uma báscula, retornar à posição de partida, com a ressalva de que o sujeito que vem aqui (em cima à esquerda), sabe o que é da experiência subjetiva, e que essa experiência implica também que, à esquerda, resta o que adveio daquele do qual o ato foi responsável pelo caminho percorrido; em outros termos, que para o analista, tal como nós o vemos agora surgir ao nível de seu ato, há já saber do *des-ser* do sujeito suposto saber, uma vez que ele é, de toda essa lógica, a posição necessária de partida.[15]

[15] *Ibid.*



É "essa báscula de toda a figura" que pode explicar a passagem à posição daquele que franqueia o ato do qual a tarefa analisante pode se repetir. O que creio apreender do interesse desse recurso à formalização do grupo de Klein, à moda de Lacan, é pensar o fim de análise e a passagem à analista não como um *continuum*, mas como um processo que implica um limite e um salto necessário. São precisamente os termos que definem melhor as características de um ato, sobretudo quando se acrescenta o fato de que esse agir não se efetua no enquadre de um pensamento e que ele não pode ser imitado e, portanto, reproduzido pela intromissão de algum saber preestabelecido. Mesmo se o ato do psicanalista é da ordem da "imixão"[16] "significante, ele não é suscetível de nenhuma generalização que se possa chamar saber"[17].

Os psicanalistas estariam, então, condenados a não saber o que fazem para estar seguros de bem fazê-lo? Só há uma forma de responder a essa questão, voluntariamente ingênua: apelar à inteligência da função do objeto *a*. Não há nada senão deixá-lo fazer... ou, melhor, agir, mas isso não é tão simples assim.

[16] N. do T. No original, *immixtion*, que ressoa com a imitação e conota a ingerência, a intervenção.

[17] *Ibid*, aula de 17 de janeiro de 1968.

TRADUÇÃO
Paulo Rona
ESTABELECIMENTO DE TEXTO E REVISÃO
Ângela Mucida

## referências bibliográficas

BRETON, André. *Introduction au discours sur le peu de realité*. Paris: Gallimard, 1972.

LACAN, Jacques. O *Seminário: O ato psicanalítico* (1967-1968). Inédito.

LACAN, Jacques. O ato psicanalítico. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LACAN, Jacques. Direction de la cure et les principes de son pouvoir (1963). In: *Écrits*. Paris: Seuil, 1966, p 611.

resumo

A partir da concepção de ato em Lacan, de 1966-1968, o artigo propõe-se a delimitar a diferença entre a tarefa do analisante e o "fazer analítico". Para tal, são retomados os conceitos de alienação, separação, verdade e saber, valendo-se também das operações do grupo de Klein. O artigo busca demonstrar que o fim de análise e a passagem à analista não é um *continuum*, mas um processo que implica um limite e um salto necessário.

abstract

From the Lacan's conception (1966-1968) of act the article proposes to delimitate the difference between analysant's task and the analytic-step. For such a thing the concepts of alienation, separation, truth and knowing, and the Klein's group operation are brought. The article aims to demonstrate that the end of analyses and transition to analyst isn't a *continuum*, but a process that points to a limit and a necessary jump.

palavras-chave

ato, alienação, separação, objeto *a* e fazer analítico.

key words

act, alienation, object *a*, analytic-step and separation.

recebido

28/08/2005

aprovado

15/10/2005